



O SACRAMENTO DA UNÇÃO DOS ENFERMOS À LUZ DA CARTA APOSTÓLICA *DESIDERIO DESIDERAVI* DO PAPA FRANCISCO: ÊNFASES DE UMA RELEITURA TEOLÓGICO- RITUAL-MISTAGÓGICA

*The Sacrament of the Anointing of the Sick in the light of the Apostolic Letter
Desiderio Desideravi of Pope Francis: emphases of a theological-ritual-mystagogical
rereading*

Antonio Eduardo Pereira Pontes Oliveira¹

RESUMO: Este artigo pretende reler a teologia, o rito e a mistagogia do Sacramento da Unção dos Enfermos à luz das inspirações da Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* do Papa Francisco. Estas reflexões do magistério pontifício constituem uma exortação a redescobrir a beleza da verdade da celebração cristã que se manifesta na teologia e na ritualidade dos sacramentos. Aplicadas à Sagrada Unção, trazem profundas ênfases a serem valorizadas na sua prática sacramental: o Sacramento como participação no desejo de Jesus de entrar em comunhão com cada enfermo que padece; a Unção como especial toque redentor do Senhor; a união da paixão daquele que sofre aos sofrimentos de Cristo e sua dimensão corredentora e a configuração do sacerdote e do enfermo aos sentimentos do Senhor compassivo e padecente. Essas reflexões podem contribuir para uma vivência profunda e mistagógica desse sacramento, consolidando a sua redescoberta como sinal de vida, de cura, de salvação, de esperança e de eternidade.

PALAVRAS-CHAVE: Unção dos Enfermos; *Desiderio Desideravi*; Teologia Litúrgica; Teologia Sacramental; Mistagogia.

ABSTRACT: This paper aims to re-read the theology, rite and mystagogy of the Sacrament of the Anointing of the Sick in the light of the inspirations of Pope Francis' Apostolic Letter *Desiderio Desideravi*. These reflections of the papal magisterium constitute an exhortation to rediscover the beauty of the truth of the Christian celebration manifested in the theology and rituality of the sacraments. Applied to Holy Anointing, they bring profound emphases to be valued in its sacramental practice: the Sacrament as participation in Jesus' desire to enter into communion with every suffering sick person; Anointing as the Lord's special redeeming touch; the union of the passion of the sufferer with the sufferings of Christ and their corridor dimension; and the configuration of the priest and the sick person to the feelings of the compassionate and suffering Lord. These reflections can contribute to a profound and mystagogical experience of this sacrament, consolidating its rediscovery as a sign of life, healing, salvation, hope and eternity.

¹ Especialista em liturgia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). E-mail: antonioep91039433@gmail.com

KEYWORDS: Anointing of the Sick; *Desiderio Desideravi*; Liturgical Theology; Sacramental Theology; Mystagogy.

Em 29 de junho de 2022, o Papa Francisco publicou sua Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* sobre a formação litúrgica do Povo de Deus, onde são apresentadas profundas intuições e reflexões a respeito da beleza da verdade da Sagrada Liturgia. Consiste em um rico texto de meditação, com fundamentos bíblicos, patrísticos e litúrgicos, exortando a uma redescoberta da profundidade da celebração cristã.

Com estas inspiradoras linhas, pretende-se aqui uma breve releitura da teologia e da mistagogia celebrativa do Sacramento da Unção dos Enfermos, trazendo à baila ênfases que se descortinam a partir de *Desiderio Desideravi*. Consiste em um esforço semelhante ao de Juan Javier Flores ao descortinar a teologia litúrgica do Ritual da Penitência reformado após o Vaticano II².

Serão destacados os seguintes aspectos deste Sacramento: o desejo do Senhor de unir a si e à sua Paixão cada enfermo e seus sofrimentos; o encontro e o toque sacramental redentores de cura e salvação; a união do enfermo a Jesus, o valor redentor do oferecimento de suas dores e a *ars celebrandi* da Unção dos Enfermos que envolve o doente com a compaixão de Jesus e que molda a interioridade do sacerdote alimentando nele os sentimentos do Senhor.

1. “Desejei ardentemente...”: porta de entrada para uma releitura da teologia sacramental

“Tenho desejado ardentemente comer convosco esta ceia pascal, antes de padecer”³. Estas palavras de Jesus quando da instituição da Eucaristia são, na reflexão de Francisco em *Desiderio Desideravi*, uma porta de entrada para o Mistério celebrado na Sagrada Liturgia, celebrado nos Sacramentos⁴. Ao instituir o Mistério Pascal, o Senhor não está realizando apenas um gesto memorial, cultural ou simbólico, isto é, uma mera ação ritual que deveria ser repetida ao longo dos tempos como recordação dele ou de um

² Cf. FLORES, Juan Javier. *Introdução à Teologia Litúrgica*. Tradução: Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 368.

³ Lc 22,15. Todas as referências e citações que são feitas das Escrituras neste artigo se encontram na *Bíblia Sagrada*: tradução oficial da CNBB. 3. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

⁴ Cf. FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi*: sobre a formação litúrgica do Povo de Deus. Brasília: Edições CNBB, 2022, n. 2. De agora em diante: DD.

acontecimento. É, acima de tudo, uma instituição sacramental que se prolongará a todas as gerações levando à comunhão consigo aqueles que atrairá a Si:

(...) As palavras de Jesus, com as quais se abre o relato da Última Ceia, são a fresta por meio da qual nos é dada a surpreendente possibilidade de intuir a profundidade do amor das Pessoas da Santíssima Trindade para conosco. (...) Ninguém conquistou um lugar naquela Ceia, todos foram convidados, ou melhor, atraídos pelo desejo ardente que Jesus teve de comer aquela Páscoa com eles: Ele sabe que é o Cordeiro dessa Páscoa, sabe que Ele é a Páscoa. Essa é a novidade absoluta dessa Ceia, a única verdadeira novidade da história, que faz com que tal Ceia seja única e, portanto, “última”, irrepetível. Todavia seu desejo infinito de restabelecer essa comunhão conosco, que era e continua sendo o plano original, não pode ser saciado até que cada homem, *de toda tribo, língua, povo e nação* (Ap 5,9) tenha comido do seu Corpo e bebido do seu Sangue: por essa razão, aquela mesma Ceia se fará presente, até o seu retorno, na Celebração da Eucaristia⁵.

Se isso se aplica à Eucaristia, como memorial de sua Paixão, Morte e Ressurreição, Sacrifício Redentor e Banquete Pascal⁶, na qual Cristo chega ao extremo do amor fazendo-se alimento para levar os seus à comunhão consigo⁷, do mesmo modo se aplica a toda a Liturgia Sacramental, afinal “os sacramentos são ‘forças que saem’ do corpo de Cristo, sempre vivo e vivificante; são ações do Espírito Santo operante no corpo de Cristo, que é a Igreja; são ‘as obras-primas de Deus’ na Nova e eterna Aliança”⁸. Se cada comunhão de cada batizado foi desejada pelo Senhor naquela última ceia⁹, pode-se afirmar, com razão, que cada Batismo, cada Confirmação, cada Confissão, cada Ordenação, cada Matrimônio e, na ênfase dessa reflexão, cada Unção dos Enfermos foi desejada pelo Senhor. É o desejo do Senhor que atrai ao Sacramento.

Esta ênfase é fruto maduro das reflexões teológico-litúrgicas, em especial, do Movimento Litúrgico, que percorrem todo o século XX e que despontam nas discussões conciliares que impetram a tão almejada reforma litúrgica. Diante das noções inexatas de Liturgia como coreografia do culto cristão, código de rubricas do culto público da Igreja e culto natural tributado a Deus¹⁰, o Movimento Litúrgico redescobriu, bebendo na tradição bíblica e dos Padres, a celebração litúrgico-sacramental como acontecimento último da Salvação, “(...) epifania da Igreja porque é a manifestação histórica da obra

⁵ DD, 2-4.

⁶ Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium*: sobre a sagrada liturgia. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2002, n. 47. De agora em diante: SC.

⁷ Cf. DD, 24.

⁸ CATECISMO da Igreja Católica: Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Paulus, Ave-Maria, 1999, n. 1116. De agora em diante: CaIC.

⁹ Cf. DD, 6.

¹⁰ Cf. CASTELLANO, Jesús. *Liturgia e vida espiritual*: teologia, celebração, experiência. Tradução: Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 37-38.

redentora de Cristo (...)”¹¹. Trata-se do “(...) exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, no qual, mediante sinais sensíveis, é significada e, de modo peculiar a cada sinal, realizada a santificação do homem; e é exercido o culto público integral pelo Corpo Místico de Cristo, cabeça e membros”¹².

No Mistério Pascal está sintetizada toda a obra salvífica de Cristo, afinal “o ponto culminante, o conteúdo máximo da história da salvação, é Cristo e precisamente a Páscoa da Paixão de Cristo”¹³. Os sacramentos são desdobramentos dos variados aspectos da ação redentora da Páscoa e que comunicam sua graça¹⁴. “Neste sentido, o sacramento da Unção é uma autêntica celebração pascal da vitória de Cristo sobre o pecado e a morte, e insere o enfermo no combate pela vida contra a morte, orientando-o assim à ressurreição final”¹⁵.

A redescoberta da expressão “desejo” na Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* como chave interpretativa da participação litúrgico-sacramental na obra salvífica de Cristo encontra profunda ressonância nas páginas dos evangelhos, que não deixam de manifestar em linguagem de sentimento a missão salvífica do Senhor¹⁶. Estas revelam a infinita compaixão do Coração misericordioso de Jesus¹⁷, próximo aos pecadores¹⁸, compassivo diante do sofrimento e da dor humana¹⁹, que compartilha, com lágrimas e com solidariedade, a aflição daqueles que Ele busca ou que dele se aproximam.

O Senhor compartilha desde o mais profundo de sua interioridade²⁰ a aflição humana, fazendo-se solidário, sofrendo junto, compartilhando a dor e redimindo-a pela cura, pela “ressurreição”, pela vida... Estes sentimentos e estas ações de Jesus diante da dor encontram marcante presença no seu encontro com a viúva de Naim que caminha enquanto carregam seu único filho morto²¹. Jesus é solidário à dor daquela mulher: “Ao

¹¹ FLORES, Juan Javier. *Introdução à Teologia Litúrgica*. Tradução: Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 341.

¹² SC, 7.

¹³ MARSILI, Salvatore. *Sinais do Mistério de Cristo: teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*. Tradução: José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 117.

¹⁴ BOROBIÓ, Dionísio. *História e Teologia comparada dos Sacramentos: o princípio da analogia sacramental*. Tradução: José Joaquim Sobral. São Paulo: Loyola; Ave-Maria, 2017, p. 207.

¹⁵ SANTOS, Josué Vieira. *A Unção dos Enfermos: considerações em vista de uma liturgia e pastoral para o nosso tempo*. 2006. 109 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 2006, p. 64.

¹⁶ Cf. FABRIS, Rinaldo. *O Evangelho de Lucas*. In: FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (II)*. Tradução: Giovanni di Biasio e Johan Konings. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1992, p. 83.

¹⁷ Cf. Jo 11,33.

¹⁸ Cf. Lc 15,1-2.

¹⁹ Cf. Lc 7,13.

²⁰ É marcante a expressão “compaixão”, desde as entranhas, do mais profundo de si, compartilhar a angústia do próximo.

²¹ Cf. Lc 7,11-17.

vê-la, o Senhor encheu-se de compaixão por ela e disse: ‘Não chores!’²². Age comunicando a vida: “Aproximando-se, tocou no caixão, e os que o carregavam pararam. Ele ordenou: ‘Jovem, eu te digo, levanta-te!’²³. De fato, usando as palavras do profeta Isaías, assim Jesus descreve sua missão: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu para anunciar o Evangelho aos pobres: enviou-me para proclamar a liberdade aos presos e, aos cegos, a visão; para pôr em liberdade os oprimidos e proclamar um ano do agrado do Senhor”²⁴.

Sua ação salvífica é sinal, em primeiro lugar, de comunhão na doença, no sofrimento, nas angústias, nas tristezas e, além disso, é redenção, é salvação, é elevação sobrenatural da dor, é boa notícia da proximidade e presentificação do Reino de Deus²⁵, onde não haverá mais dor, sofrimento, morte²⁶. Jesus envia seus discípulos com a sua mesma missão de cura e de unção aos doentes: “(...) ungiam com óleo numerosos enfermos e faziam curas”²⁷. Ele se identifica com aquele que padece por enfermidade e exorta seus discípulos a reconhecê-lo sofredor no rosto dos enfermos²⁸. Com razão, o apóstolo Paulo pode, com ousadia, afirmar que completa em sua própria carne o que falta à Paixão do Senhor²⁹.

No Sacramento da Unção dos Enfermos, instituído pelo Senhor e confiado à Igreja, prolonga-se e amplia-se o desejo de Jesus de comungar com o sofrimento de cada doente, de tomar para si o profundo do coração humano, de se fazer solidário aos seus, de ser reconhecido nos necessitados e de tocar, redimir, curar e salvar³⁰. É, ademais, o anúncio profético e repleto de esperança da proximidade do Reino da vida e da salvação, o anúncio de que os sofrimentos do tempo presente nem merecem ser comparados com a glória futura³¹.

A dimensão de atualização do Mistério Pascal no Sacramento da Unção dos Enfermos se manifesta, de modo especial, na nova fórmula para ministrar o sacramento: “Por esta santa unção e pela sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça

²² Lc 7,13.

²³ Lc 7,14.

²⁴ Lc 4,18-19.

²⁵ Cf. Mc 1,15.

²⁶ Cf. Ap 21,4.

²⁷ Mc 6,13.

²⁸ Cf. Mt 25,36.

²⁹ Cf. Cl 1,24.

³⁰ RITUAL da Unção dos Enfermos e sua Assistência Pastoral. Renovado por decreto do Concílio Vaticano II, promulgado por autoridade do papa Paulo VI. São Paulo: Paulus, 2010, n. 5. De agora em diante: RUEAP.

³¹ Cf. Rm 8,18.

do Espírito Santo, amém, para que, liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na sua bondade, alivie os teus sofrimentos”³². Em relação à antiga fórmula, transparece agora a íntima relação do sacramento com a ação do Espírito Santo comunicado pelo Cristo ressuscitado. Trata-se da unção do Ungido de Deus que transborda, de Cristo Cabeça aos membros. É importante salientar o toque na fronte e nas mãos e a unção em abundância para manifestar este gesto transbordante da unção de cura que procede do Senhor³³. A possibilidade de usar, em caso de necessidade, qualquer óleo vegetal e a permissão de que o próprio sacerdote abençoe o óleo para uso restrito à própria celebração manifesta o desejo da Igreja de que a unção seja expressiva³⁴. Outro gesto importante, tantas vezes enfraquecido na celebração deste sacramento é a imposição das mãos³⁵. Realizada em silêncio, manifesta a grandeza simbólica deste gesto de origem apostólica, tradicional na comunicação do Espírito³⁶.

As orações manifestam, ademais, a união de Cristo aos sofrimentos do enfermo: a) Na oração inicial: “(...) nós vos suplicamos, reunidos em vosso nome, que estejais conosco, e guardeis na vossa misericórdia o nosso irmão (...)”³⁷; b) Na ladainha: “Senhor, que assumistes as nossas enfermidades e suportastes as nossas dores (...). Cristo, que, tendo pena da multidão, passastes pela terra fazendo o bem e curando (...)”³⁸; c) Na oração sobre o óleo: “Bendito sejais, ó Deus, Filho unigênito, que, assumindo nossa condição humana, quisestes curar nossas fraquezas!”³⁹; d) Na oração após a sagrada unção: “Senhor Jesus Cristo, que, para resgatar o ser humano e curar os enfermos, quisestes assumir um corpo como o nosso (...). Ó Deus, Redentor de todo ser humano, que assumistes na vossa paixão as nossas dores e suportastes as nossas fraquezas (...)”⁴⁰.

Desta forma, a teologia e a mistagogia do Sacramento da Unção dos Enfermos, quando celebrada com dignidade e decoro, manifestam visivelmente o desejo de Jesus de se unir aos sofrimentos dos enfermos e a dimensão de continuidade de seus sofrimentos e de sua ação de cura no seu Corpo, que é a Igreja. Com razão, pode-se repetir as palavras de Jesus também com referência a este sacramento: “Desejei ardentemente!”. A unção de cada

³² RUEAP, 76.

³³ Cf. RUEAP, 21-23.

³⁴ Cf. CÓDIGO de Direito Canônico. Promulgado por João Paulo II, Papa. São Paulo: Loyola, 2008, cân. 999. De agora em diante: CIC.

³⁵ Cf. RUEAP, 74.

³⁶ Cf. PARENTI, Stefano; ROUILLARD, Philippe. *Cura e unzione degli infermi*. In: CHUPUNGCO, Anscar J. (org.). *Scientia Liturgica: Manuale di Liturgia*. Itália: Edizioni Piemme, 1998. v. 4, p. 200.

³⁷ RUEAP, 70.

³⁸ RUEAP, 73.

³⁹ RUEAP, 75.

⁴⁰ RUEAP, 77.

doente foi querida pelo Senhor no desejo de se unir à paixão dos seus e de comunicar a vida nova da Páscoa. Essa é a primeira ênfase da teologia da Unção dos Enfermos à luz da *Desiderio Desideravi*: o desejo de Jesus de se unir a cada enfermo.

2. A unção dos enfermos, encontro com Jesus, seu toque redentor

Pela união hipostática⁴¹, Deus, invisível, espírito puro, assumiu uma humanidade para si. Desde o primeiro instante, no ventre de Maria, aquele que é concebido é verdadeiro homem e verdadeiro Deus, duas naturezas unidas hipostaticamente em uma única Pessoa⁴² de modo indivisível, inseparável, inconfundível e imutável⁴³. A divindade assumiu em tudo, menos no pecado, a humanidade. Assim, as palavras, as ações, o toque de Jesus são palavras, ações e toque do próprio Deus, são ações teândricas, epifanias da Salvação que vem de Deus⁴⁴. Ele é o Sacramento primordial do Pai⁴⁵.

Pela ação do Espírito Santo, Cristo Senhor confia à sua Igreja, à comunidade dos seus discípulos, pela instituição do ministério apostólico, a perpetuidade do mistério da Encarnação, pois “(...) todo o ministério salvífico, profético, sacerdotal e diaconal da Igreja tem sua origem na natureza humana de Jesus, unida à divindade”⁴⁶. Pelo Mistério Pascal da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor e pelo envio do Espírito Santo sobre a comunidade cristã nascente, a Igreja recebe a missão de ser sacramento⁴⁷, de ser sinal, de ser continuadora de sua ação salvífica, de modo que o toque sacramental da Igreja é toque redentor do Ressuscitado⁴⁸. A Igreja é sacramento fundamental de Cristo⁴⁹.

Além disso, é exigência íntima da fé cristã sua dimensão de encontro pessoal com o Senhor⁵⁰. Recorda o papa Francisco em sua Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, que

⁴¹ Cf. CAIC, 483.

⁴² Cf. MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Dogmática Católica: teoria e prática da teologia*. Tradução: Volney Berkenbrock, Paulo Ferreira Valério e Vilmar Schneider. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 252.

⁴³ Cf. CAIC, 469.

⁴⁴ Cf. MARSILI, Salvatore. *Sinais do Mistério de Cristo: teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*. Tradução: José Afonso Beraldim da Silva. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 87-88.

⁴⁵ Cf. NOCKE, Franz-Josef. *Doutrina Geral dos Sacramentos*. Tradução de Ilson Kayser. In: SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2001. v. 2, p. 199.

⁴⁶ MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Dogmática Católica: teoria e prática da teologia*. Tradução: Volney Berkenbrock, Paulo Ferreira Valério e Vilmar Schneider. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 441.

⁴⁷ Cf. BOROBIÓ, Dionísio. *História e Teologia comparada dos Sacramentos: o princípio da analogia sacramental*. Tradução: José Joaquim Sobral. São Paulo: Loyola; Ave-Maria, 2017, p. 70-71.

⁴⁸ Cf. SC, 7.

⁴⁹ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium: sobre a Igreja*. In: *Compêndio Vaticano II*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1968, n. 1. De agora em diante: LG.

⁵⁰ BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus caritas est: sobre o amor cristão*, n. 1. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/encyclicals/documents/hf_benxvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html. Acesso em: 08 abr. 2018. De agora em diante: DC.

não é possível encontrar o Senhor verdadeiramente senão na sua comunidade, senão na celebração litúrgico-sacramental da sua Igreja: “Desde o início, a Igreja compreendeu, (...) que tudo o que era visível de Jesus, o que podia ser visto com os olhos e tocado com as mãos, suas palavras e gestos, (...) havia passado para a celebração dos Sacramentos”⁵¹. A Sagrada Liturgia é lugar privilegiado de encontro com o Ressuscitado⁵². Se isto é verdadeiro para a Eucaristia é, do mesmo modo, guardadas as devidas proporções, para cada um dos sacramentos como encontros com o Ressuscitado:

Aqui está toda a potente beleza da Liturgia. (...) a Encarnação, além de ser o único e novo acontecimento que a história conhece, é também o método que a Santíssima Trindade escolheu para abrir o caminho da comunhão a nós. A fé cristã, ou é um encontro vivo com Ele, ou não é. A Liturgia nos garante a possibilidade desse encontro. Não nos serve uma vaga recordação da Última Ceia: nós precisamos estar presentes naquela Ceia, a fim de poder escutar a sua voz, comer do seu Corpo e beber do seu Sangue: nós precisamos d’Ele. Na Eucaristia e em todos os Sacramentos, é garantida a nós a possibilidade de encontrar o Senhor Jesus e de ser alcançados pelo poder da sua Páscoa. O poder salvífico do sacrifício de Jesus, de cada palavra sua, cada gesto, olhar e sentimento, chega até nós na celebração dos Sacramentos. Eu sou Nicodemos e a Samaritana, o possesso de Cafarnaum e o paralítico na casa de Pedro, a pecadora perdoada e a hemorroíssa, a filha de Jairo e o cego de Jericó, sou Zaqueu e Lázaro, o ladrão e Pedro perdoados. O Senhor Jesus, que “imolado, já não morre; e, morto, vive eternamente” continua a perdoar-nos, curar-nos e salvar-nos com o poder dos Sacramentos. É a forma concreta, por meio da Encarnação, com a qual Ele nos ama; é a maneira pela qual Ele sacia essa sede por nós, declarada na cruz (Jo 19,28)⁵³.

Dessa forma, o Sacramento da Unção dos Enfermos é encontro do enfermo com Jesus Ressuscitado, é seu toque com suas mãos chagadas e gloriosas, para comunicar o dom do seu Espírito, a união à sua Paixão, à conformação à sua divina vontade, o dom da cura, se convier à salvação, e a vida eterna⁵⁴. Destacam-se, por isso, dois importantes gestos mistagógicos desse sacramento: a imposição das mãos e o toque com o óleo dos enfermos e a forma sacramental.

A imposição das mãos, sem nada dizer, sem nada rezar, manifesta a solenidade deste rito apostólico tão tradicional no comunicar o Espírito Santo, Senhor que dá a vida: “...e quando impuserem as mãos sobre os enfermos, estes ficarão curados”⁵⁵. Este sinal precisa ser feito com sobriedade, tranquilidade, com força orante e sacramental. Qualquer canto ou oração que acompanhe o gesto retira sua grandeza, pois o rito basta por si mesmo. Apesar de não ser necessário para a validade do sacramento, contribui muito para significar o mistério que é celebrado. Assim, mesmo quando a Sagrada Unção é ministrada a muitos enfermos, exige-se que a imposição das mãos e a unção sejam feitas

⁵¹ DD, 9.

⁵² Cf. DD, 8.

⁵³ DD, 10-11.

⁵⁴ Cf. CaIC, 1532.

⁵⁵ Mc 16,18.

sobre cada um deles, dizendo-se a fórmula a cada um⁵⁶. Sua importância remonta aos tempos apostólicos: “Alguém dentre vós está enfermo? Mande chamar os anciãos da igreja, para que orem sobre ele...”⁵⁷.

A unção com o óleo dos enfermos na frente e, se possível, nas mãos ou em outras partes do corpo, no rito reformado, é o gesto fundamental, acompanhado da fórmula sacramental, que garante a validade do sacramento⁵⁸. Deve ser uma unção abundante, sem assinalar com cruces as mãos ou a frente, mas com o derramamento do óleo como o bom samaritano que derrama o óleo nas feridas do homem encontrado padecendo à beira do caminho⁵⁹.

Além disso, os paramentos previstos, ao menos a estola branca, apesar de se tornarem opcionais em situações emergenciais e diante da realidade hospitalar⁶⁰, são importantes para manifestar ao sujeito do sacramento, isto é, ao enfermo, que este sacramento, como todos os demais, é epifania do Ressuscitado e encontro com Ele. A orientação de que o Sacramento da Reconciliação, quanto possível, seja celebrado antes da Unção dos Enfermos⁶¹, e que os paramentos nesta sejam brancos⁶², diferente da norma anterior que previa paramentos roxos, demonstra a renovação da compreensão conciliar desta ação sacramental como sinal de vida, de esperança e de cura⁶³.

A exortação de que a Unção dos Enfermos seja celebrada em comunidade, com os familiares e profissionais da saúde próximos, é um importante aspecto da dimensão comunitária⁶⁴ da celebração litúrgica da Igreja⁶⁵. Dê-se sempre preferência à celebração comunitária e na igreja, a visita residencial ou hospitalar só se justifica diante do quadro crítico de saúde do enfermo⁶⁶. O sacramento não deveria se reduzir, exceto em casos de extrema urgência, à mera recitação da fórmula acompanhada da unção. Ao contrário, deve

⁵⁶ Cf. RUEAP, 67.

⁵⁷ Tg 5,14.

⁵⁸ Cf. CIC, cân. 998.

⁵⁹ Cf. Lc 10,34.

⁶⁰ Cf. RUEAP, 66.

⁶¹ Cf. RUEAP, 65.

⁶² Cf. CERIMONIAL dos bispos. Restaurado por decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado pela autoridade do papa João Paulo II. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008, n. 661. De agora em diante: CB.

⁶³ Cf. SC, 73.

⁶⁴ Cf. SANTOS, Josué Vieira. *A Unção dos Enfermos: considerações em vista de uma liturgia e pastoral para o nosso tempo*. 2006. 109 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 2006, p. 62.

⁶⁵ Cf. RUEAP, 70.

⁶⁶ Cf. RUEAP, 66.

ser caracterizada como uma verdadeira celebração litúrgico-sacramental⁶⁷. Aquele que ministra⁶⁸ o sacramento deve cuidar que transpareça claramente a dimensão celebrativa, com acolhida da comunidade e motivação para a celebração, leitura da Palavra de Deus, elevação de preces e os gestos e as palavras próprias da Unção dos Enfermos⁶⁹.

A mistagogia do Sacramento da Unção dos Enfermos, os gestos, os sinais sacramentais, as palavras e o ambiente celebrativo devem conduzir o enfermo e a comunidade celebrante a um encontro com Jesus ressuscitado, com seu toque de redenção e de vida. Esta é a segunda ênfase da mistagogia celebrativa da Sagrada Unção a partir da *Desiderio Desideravi*: o encontro do Senhor com o enfermo.

3. O sofrimento redentor: a Igreja que oferece, com Cristo, sua cruz ao Pai

O sofrimento, confrontado com a bondade de Deus, a um primeiro olhar, manifesta-se como um mistério, é uma realidade profundamente humana⁷⁰. À luz da cruz do Senhor, o sofrimento é redimido, torna-se redentor, salvífico, libertador, caminho necessário, em oferenda, para chegar à glória, à ressurreição, à verdadeira vida⁷¹, “assim, no sofrimento e na morte, sua humanidade tornou-se o instrumento livre e perfeito de seu amor divino, que quer a salvação dos homens”⁷².

Não há culto cristão fora da união com Cristo, no Filho e pelo Filho. A Liturgia cristã só pode existir na unidade entre Cabeça e Corpo: a Igreja, unida ao Senhor, pode se oferecer em oblação agradável ao Pai, em louvor, ação de graças, expiação e petição. Pela graça do batismo, o cristão se une, em um vínculo indissolúvel, a Cristo, torna-se membro do Corpo de Cristo.

Sem essa incorporação não há qualquer possibilidade de viver a plenitude do culto a Deus. De fato, um só é o ato de culto perfeito e agradável ao Pai, a obediência do Filho, cuja medida é a sua morte na cruz. A única possibilidade de participar de sua oferenda é nos tornando filhos no Filho. É esse o dom que recebemos. O sujeito que age na Liturgia é sempre e somente Cristo-Igreja, o Corpo místico de Cristo⁷³.

⁶⁷ Cf. CUNHA, Arlindo. De sacramento maldito a sacramento dos doentes. *Humanistica e Teologia*, Portugal, v. 19, p. 313-333, 1998, p. 332.

⁶⁸ Cf. SANTOS, Josué Vieira. *A Unção dos Enfermos*: considerações em vista de uma liturgia e pastoral para o nosso tempo. 2006. 109 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 2006, p. 92.

⁶⁹ Cf. RUEAP, 37.

⁷⁰ Cf. CaIC, 1500.

⁷¹ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Salvifici Doloris*: sobre o sentido cristão do sofrimento humano, n. 15. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_11021984_salvifici-doloris.html. Acesso em 07 jan. 2023. De agora em diante: SD.

⁷² CaIC, 609.

⁷³ DD, 15.

Pela Liturgia, Cristo associa sua Igreja à obra da redenção, ao culto eterno que oferece ao Pai⁷⁴. A Unção dos Enfermos une o doente à Paixão de Jesus, “...de certa forma ele é consagrado para produzir fruto pela configuração à paixão redentora do Salvador. O sofrimento, sequela do pecado original, recebe novo sentido, torna-se participação na obra salvífica de Jesus”⁷⁵.

Pela celebração do Sacramento da Unção dos Enfermos, recebe-se a graça do reconforto⁷⁶ e da coragem para enfrentar cristãmente as dores da doença e unir a própria paixão à Paixão do Cristo⁷⁷. “A destruição que é obra da doença deve se tornar, pelo sacramento, a chama que envolve numa única realidade de luz-amor o doente e Cristo”⁷⁸. A oração logo após o rito sacramental para doente de idade avançada transparece com clareza esta dimensão: “Olhai, Senhor, o vosso servo (a vossa serva), debilitado(a) pela idade e que pede salvação de alma e corpo pela graça da vossa santa unção; concedei que (...), dê a todos provas de paciência...”⁷⁹.

Desta forma, o sujeito do sacramento, pelas preces da Igreja, é exortado a dar testemunho de paciência e a oferecer a própria agonia com Cristo por si e pela expiação do mundo⁸⁰. Sua enfermidade é transfigurada, deixando de ser flagelo da natureza e se tornando oferenda e sacrifício no altar da cruz e da vida. O enfermo pode, com razão, afirmar com o apóstolo Paulo: “Alegro-me nos sofrimentos que tenho suportado por vós e completo o que na minha carne falta às tribulações de Cristo, em favor do seu Corpo que é a Igreja”⁸¹.

Isto significa apenas que a Redenção, operada por virtude do amor satisfatório, permanece constantemente aberta a todo o amor que se exprime no sofrimento humano. Nesta dimensão — na dimensão do amor — a Redenção, já realizada totalmente, realiza-se em certo sentido constantemente. Cristo operou a Redenção completa e cabalmente; ao mesmo tempo, porém, não a fechou: no sofrimento redentor, mediante o qual se operou a Redenção do mundo, Cristo abriu-se desde o princípio, e continua a abrir-se constantemente, a todo o sofrimento humano. Sim, é algo que parece fazer parte da própria essência do sofrimento redentor de Cristo: o fato de ele solicitar a ser incessantemente completado⁸².

⁷⁴ Cf. CaIC, 1090.

⁷⁵ CaIC, 1521.

⁷⁶ Cf. LG, 11.

⁷⁷ Cf. RUEAP, 5.

⁷⁸ MARSILI, Salvatore. *Sinais do Mistério de Cristo: teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*. Tradução: José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 480.

⁷⁹ RUEAP, 77.

⁸⁰ Cf. CaIC, 1522.

⁸¹ Cl 1,24.

⁸² SD, 24.

A Sagrada Unção, longe de ser um atenuante estéril ao mistério do sofrimento, é uma transfiguração pascal da dor e da doença pelo bem e pela salvação de si e da Igreja⁸³. Na cultura hedonista que caracteriza o coevo momento histórico, este sacramento é um anúncio profético do sentido amoroso e veraz que se oculta no sofrimento. Esta é a terceira ênfase da teologia da Unção dos Enfermos a partir das intuições da *Desiderio Desideravi*: a união do doente ao sofrimento redentor de Jesus.

4. A *ars celebrandi* do Sacramento da Unção dos Enfermos: configurar ministro e sujeito ao Cristo compassivo e padecente

A Liturgia não é um ascetismo, nem um gnosticismo estéril, é dom a ser acolhido e celebrado⁸⁴. A Liturgia não é mero lugar de aprendizado moral ou de conhecimento dos mistérios divinos. A repetição solene, cíclica e constante dos ritos, das palavras e dos gestos conforma a interioridade daqueles que celebram e acolhem o dom da Páscoa que se comunica em cada sacramento: “...é a assimilação lenta dos conteúdos do mistério, a passagem gradual da liturgia à vida, a tomada de posse progressiva de nosso ser e de nosso agir por parte de Cristo, em um compromisso reiterado de viver em conformidade com o que celebramos...”⁸⁵. Tanto o sujeito como o ministro do sacramento são envolvidos pela mística da ritualidade sacramental e alcançados pela graça que não se esgota. Neste sentido, deve-se falar da importância da cuidadosa observância ritual e da riqueza de cada elemento previsto para a celebração sacramental⁸⁶.

O encontro do sacerdote, ministro ordinário da Unção dos Enfermos, com os doentes, por meio da prática sacramental, forma-o nos sentimentos de Jesus⁸⁷. A paciência, a delicadeza, o cuidado, o anúncio da Palavra, o toque, a unção são diversos elementos da ritualidade proposta que faz do encontro sacramental entre ministro e sujeito do sacramento mais do que ritualismo, tornando-o celebração da misericórdia, da compaixão e da proximidade de Deus. Atente-se à orientação do Cerimonial dos Bispos para a celebração comunitária deste sacramento:

Para se conseguir verdadeira eficácia pastoral desta celebração, é necessário que se faça devida preparação prévia, quer dos doentes que hão de receber a Santa Unção, quer dos outros

⁸³ Cf. HORTAL, Jesús. *Os Sacramentos da Igreja na sua Dimensão Canônico-Pastoral*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 211.

⁸⁴ Cf. DD, 20.

⁸⁵ CASTELLANO, Jesús. *Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência*. Tradução: Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 103.

⁸⁶ Cf. DD, 23.

⁸⁷ FI 2,5.

doentes eventualmente presentes, quer dos próprios fieis que gozam de saúde. Tenha-se também o cuidado de promover a plena participação dos presentes, preparando sobretudo os cantos oportunos, com os quais se estimule a comunhão dos fieis, se fomente a oração comum e se manifeste a alegria pascal que deve transparecer em todo este rito⁸⁸.

Assim, a repetição solene, sóbria, zelosa e constante no ministrar o sacramento, juntamente com a prontidão em atender os pedidos dos enfermos e/ou das suas famílias e a iniciativa de ir em busca dos adoentados forjam no coração sacerdotal a mística da compaixão, da ternura e da solidariedade diante da dor do outro: “A íntima participação pessoal nas necessidades e no sofrimento do outro torna-se assim um dar-se-lhe a mim mesmo: (...) devo não apenas dar-lhe qualquer coisa minha, mas dar-me a mim mesmo, devo estar presente no dom como pessoa”⁸⁹. É deixar ecoar a exortação de Jesus: “Vai e faz o mesmo!”⁹⁰.

Do ponto de vista do enfermo, reconhecer a própria situação de fragilidade e vulnerabilidade é um processo doloroso, não raro, profundamente exigente. “A doença é um lugar importante na vida do homem, um estado de ruptura física e psicológica com todo o meio que o rodeia mas também o momento de uma [sic] funda experiência humana e mesmo religiosa”⁹¹. Pedir e acolher a Unção é sinal de humildade, de reconhecimento da debilidade das próprias forças: é suplicar ajuda. Por isso, o incentivo ao pedido da recepção do sacramento e o ambiente celebrativo propiciado pelo ministro da Igreja merecem especial cuidado⁹². Que os gestos e as palavras não sejam invasivos, exagerados, nem omitidos, mas singelos, significativos, simples e solenes, a fim de que o doente “(...) em espírito de fé, aceite seu estado, configure-se com o Cristo sofredor e contribua assim para a santidade da Igreja. O doente tem, por isso, um papel eclesial próprio, difícil de desempenhar: atualizar a presença, no meio de nós, do Cristo sofredor”⁹³.

Esse aspecto constitui, sem dúvida, a mais importante contribuição da Carta Apostólica de Francisco à teologia litúrgica pós-conciliar: uma explícita menção à importância da arte de celebrar a Sagrada Liturgia. A partir dessa dimensão, a repetição e a execução da celebração sacramental moldam ministro e sujeito do sacramento e os

⁸⁸ CB, 646.

⁸⁹ DC, 34.

⁹⁰ Lc 10,37.

⁹¹ CUNHA, Arlindo. De sacramento maldito a sacramento dos doentes. *Humanistica e Teologia*, Portugal, v. 19, p. 313-333, 1998, p. 330.

⁹² PARENTI, Stefano; ROUILLARD, Philippe. *Cura e unzione degli infermi*. In: CHUPUNGCO, Anscar J. (org.). *Scientia Liturgica: Manuale di Liturgia*. Itália: Edizioni Piemme, 1998. v. 4, p. 207.

⁹³ HORTAL, Jesús. *Os Sacramentos da Igreja na sua Dimesão Canônico-Pastoral*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 212.

fazem mergulhar na mística pascal. Aqui está a quarta ênfase da ritualidade da Unção dos Enfermos à luz da *Desiderio Desideravi*: a repetição ritual como caminho de conformação aos sentimentos de Cristo compassivo e padecente.

Considerações finais

As inspiradoras ênfases do Papa Francisco em sua Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* sobre a natureza da Sagrada Liturgia devem despertar reflexão, aprofundamento e oração. Sua carta não se pretende um tratado ou uma apresentação dogmática a respeito de doutrina sacramental ou teologia litúrgica. Consiste, sim, em uma coletânea de reflexões que devem ensejar a meditação e a redescoberta da beleza da verdade da celebração cristã. Esta que é tantas vezes obscurecida, seja por uma prática sacramental pouco atenta, seja pela ausência de estupor diante da grandeza do acontecimento da salvação, que se torna presente em cada celebração sacramental.

O Sacramento da Unção dos Enfermos, por tanto tempo obnubilado em uma prática às vésperas da morte, precisa ser redescoberto em toda a sua riqueza e beleza como um grande encontro com Cristo ressuscitado e sinal da sua misericórdia junto àqueles que sofrem pela doença. Em uma cultura hedonista que foge da dor e do reconhecimento da própria fragilidade, a Sagrada Unção e sua prática constante devem ser um sinal profético e de esperança do Reino de Deus que já está aqui e que cresce no hoje da história pela ação da Igreja, seu princípio e seu germen.

Que as intuições de Francisco, aplicadas à teologia e à ritualidade deste sacramento, resultando nas ênfases aqui apresentadas, possam ensejar verdadeiro estupor diante da grandeza do mistério que se atualiza em sua celebração: o desejo do Senhor de estar e de padecer com cada enfermo, o seu toque redentor que se prolonga pela ação sacramental, a oferenda do sofrimento de quem agoniza unido à cruz de Cristo e a configuração do enfermo e do sacerdote aos sentimentos do Coração de Jesus.

Referências

BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus caritas est*: sobre o amor cristão. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_benxvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html. Acesso em: 08 abr. 2018.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*: tradução oficial da CNBB. 3. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

BOROBIO, Dionisio. *História e Teologia comparada dos Sacramentos: o princípio da analogia sacramental*. Tradução: José Joaquim Sobral. São Paulo: Loyola; Ave-Maria, 2017, p. 207.

CASTELLANO, Jesús. *Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência*. Tradução: Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 103.

CATECISMO da Igreja Católica: Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Paulus, Ave-Maria, 1999, n. 1116.

CÓDIGO de Direito Canônico. Promulgado por João Paulo II, Papa. São Paulo: Loyola, 2008.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium: sobre a sagrada liturgia*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium: sobre a Igreja*. In: *Compêndio Vaticano II*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1968.

CUNHA, Arlindo. De sacramento maldito a sacramento dos doentes. *Humanística e Teologia*, Portugal, v. 19, p. 313-333, 1998.

FABRIS, Rinaldo. *O Evangelho de Lucas*. In: FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (II)*. Tradução: Giovanni di Biasio e Johan Konings. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1992, p. 9-248.

FLORES, Juan Javier. *Introdução à Teologia Litúrgica*. Tradução: Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2006.

FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi: sobre a formação litúrgica do Povo de Deus*. Brasília: Edições CNBB, 2022.

HORTAL, Jesús. *Os Sacramentos da Igreja na sua Dimensão Canônico-Pastoral*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Salvifici Doloris: sobre o sentido cristão do sofrimento humano*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_11021984_salvifici-doloris.html. Acesso em 07 jan. 2023.

MARSILI, Salvatore. *Sinais do Mistério de Cristo: teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*. Tradução: José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2009.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Dogmática Católica: teoria e prática da teologia*. Tradução: Volney Berkenbrock, Paulo Ferreira Valério e Vilmar Schneider. Petrópolis: Vozes, 2015.

NOCKE, Franz-Josef. *Doutrina Geral dos Sacramentos*. Tradução de Ilson Kayser. In: SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2001. v. 2, p. 171-204

PARENTI, Stefano; ROUILLARD, Philippe. *Cura e unzione degli infermi*. In: CHUPUNGCO, Anscar J. (org.). *Scientia Liturgica: Manuale di Liturgia*. Itália: Edizioni Piemme, 1998. v. 4, p. 176-208.

RITUAL da Unção dos Enfermos e sua Assistência Pastoral. Renovado por decreto do Concílio Vaticano II, promulgado por autoridade do papa Paulo VI. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Josué Vieira. *A Unção dos Enfermos: considerações em vista de uma liturgia e pastoral para o nosso tempo*. 2006. 109 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 2006.